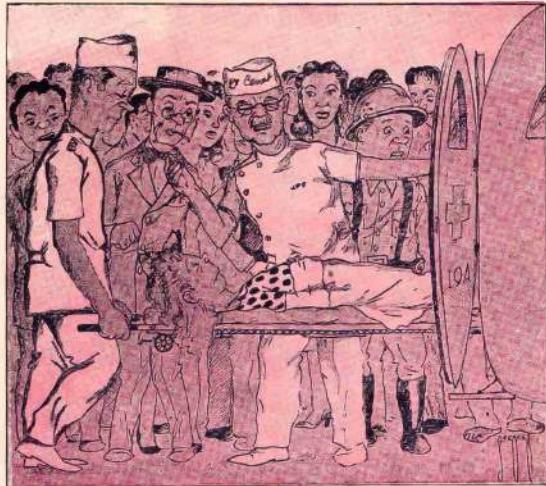


Espreitava nas quitandas
O instante exato das vendas
Para assaltar os meninos
Carregados de encomendas.

Fôsse qual fôsse o momento,
Horas claras ou sombrias,
Roubava doces, brinquedos,
De lojas e padarias.



VIII
MORTA

Um dia, furtando jóias,
Maricota teve a mão,
Que se agitava com pressa,
Mordida de escorpião.

Era o castigo, afinal,
À maldade, à rebeldia,
Maricota Serelepe
Caiu em breve agonia.

Pilhada por delinquente,
A menina envenenada
Foi conduzida ao socorro,
Deprimida, envergonhada.

Não lhe valeu, todavia,
O tratamento mais forte...
Findo o dia doloroso,
Em ânsias, rendeu-se à morte.



IX

AFLITA

Distante do corpo frio,
Maricota, sem repouso,
Notou que a morte era um anjo
De olhar terno e carinhoso...

Ajoelhou-se a coitada,
Chorou e pediu assim:
— Mensageiro da Bondade,
Compadece-te de mim!...